

SP restaura seu primeiro elo com o mundo

Obra de US\$ 300 mil recupera a mais importante ligação entre São Paulo e o litoral, que faz 200 anos

LUIZ CARLOS DUARTE
Da Reportagem Local

A Calçada do Lorena, a mais importante rota de comunicação entre São Paulo e o litoral no tempo do Brasil-Colônia, completa 200 anos. Ganha de presente a restauração de seu traçado sinuoso de pedras em meio às escarpas da serra do Mar.

A obra, iniciada em 89 e concluída no segundo semestre deste ano, custou US\$ 300 mil (em torno de Cr\$ 3 bilhões) e foi financiada pela Eletropaulo. O trecho restaurado tem aproximadamente 3 km de extensão. Ainda há um quilômetro a ser recuperado no planalto.

Construída em 1792, a estrada serviu como canal de escoamento da produção de açúcar do interior do Estado. No contrafluxo, assistiu o desfile do comércio proveniente da Europa, no fim do período colonial e primeiros anos do Império.

Foi pela Calçada do Lorena que dom Pedro 1º chegou às margens do Ipiranga, procedente de Santos, para proclamar a Independência. O nome Lorena vem de Bernardo José Maria de Lorena, que governou a capitania de São Paulo entre 1788 e 1798.

O projeto e a construção da estrada são do Real Corpo de Engenheiros de Portugal —o mesmo que restaurou Lisboa depois do terremoto de 1755—, utilizando técnicas e padrões de engenharia da época para superar a difícil topografia da serra do Mar. Mas não há rebuscamentos.

“A obra demonstra sua grandiosidade através de soluções simples”, diz a arquiteta Paula Pilla, 29, do Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo.

Ela aponta como exemplo o eixo central, uma linha reta que orienta todo o calçamento, atraindo o fluxo das águas das chuvas. Nas curvas, um declive despeja a água para fora do caminho.

O traçado da estrada vence as inclinações da serra num zigzag, evitando as subidas acentuadas. Também não corta rios ou quedas d'água, mas estrategicamente compõem a paisagem durante o percurso e serviam como excelentes pontos de parada para as tropas.

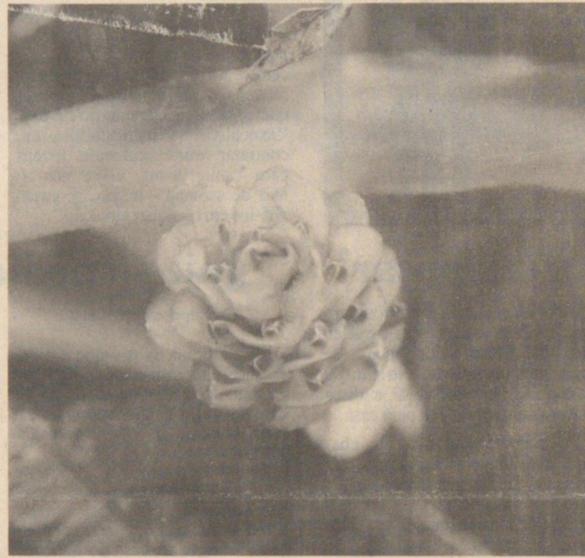
Concebida para o tráfego de tropas, a Calçada do Lorena não permitia a circulação de carroças. Estas só começam a reinar nas estradas a partir de 1840.

Segundo a historiadora Denise Mendes, 28, também da Eletropaulo, a estrada era palco de um intenso e diário tráfego de tropas. Em média, cada tropa era composta de 80 a 100 mulas. Os tropeiros eram em número reduzido. A viagem demorava em média de 6 a 12 horas, dependendo das condições do tempo.

Durante os trabalhos de restauração, foram encontrados indícios de pelo menos dois abrigos de tropeiros. Eram utilizados, provavelmente, para proteger a carga das chuvas, em especial o açúcar. Segundo relatos das expedições da época, a neblina, a exemplo de hoje, também era um obstáculo para os viajantes.



Trecho da Calçada do Lorena na serra do Mar, construída em 1792, e que foi o principal ligação entre São Paulo e a baixada santista no Brasil-Colônia



Bromélia cor-de-rosa, espécie típica da Mata Atlântica



A construção da estrada avançou em zigzag para superar as subidas da serra do Mar



Raízes gigantes alcançam trecho de calçamento recém-restaurado da Calçada do Lorena

A Calçada do Lorena

CARLOS A. C. LEMOS

Várias comemorações de centenários de relevância histórica, o principal deles o do descobrimento da América, têm hoje ofuscado celebrações de interesse restrito a um ou outro lugar, sem que ninguém se aprofunde muito sobre o verdadeiro alcance desses fatos hoje sem repercussão. É o caso do bicentenário da Calçada do Lorena, obra que, verdadeiramente, representa a descoberta do mundo por São Paulo, numa inversão do sentido do descobrimento de Colombo. É um esquecimento injusto, dada a enorme importância que teve para nossa cidade essa estrada na serra do Mar, inaugurando nossas primeiras exportações sistemáticas e a consequente importação da civilidade e civilizações insuspeitadas. Realmente, São Paulo nasceu com a Calçada e não deve deixar de festejá-la, ainda mais agora, quando sua restauração está terminada por obra e graça da Eletropaulo, a guardiã de nosso patrimônio cultural na serra de Paranapiacaba.

Com efeito, no início de 1792, o governador-general Bernardo José de Lorena escrevia ao governador ultramarino que a serra já estava toda calçada de pedras e propiciando o intenso tráfego de tropas que podiam, inclusive, se

cruzar em qualquer lugar do caminho sem danos e problemas maiores, o que era extremamente difícil até então. Chegara ao fim o isolamento de mais de 200 anos. Isolamento que marcou São Paulo.

Sem dúvida alguma, a Serra do Mar foi a grande condicionadora do processo cultural ocorrido no mundo bandeirante sediado nos Campos do Piratininga. A sociedade mameluca surgida em nossa cidade ao lado do colégio dos jesuítas a partir das poucas famílias trazidas pelas providências de Martim Afonso, dada a segregação provocada pela aspereza da serra, desenvolveu-se à parte do resto da colônia, às custas de adaptações, criações e recreações onde estava predominantemente implicada a experiência indígena. Sociedade de homens rudes. Predadores de índios, para os jesuítas do Paraguai, bandidos sanguinários. Somente eles poderiam formar as bandeiras que varavam os sertões de terras virgens como se estivessem em casa.

Até a chegada do último quartel do século 18, a capitania ainda era povoada por essa gente acaipirada e sem produção expressiva, já estando algo distante o tempo em que ainda havia reflexos do ouro

descoberto em Minas. Os governadores-generais, a começar pelo Morgado de Mateus, tentavam esforçadamente civilizar os paulistas, que, inclusive, ainda falavam um dialeto em que o português comparava em igualdade de condições com a língua dos bugres. Tentavam aumentar a produção agrícola e o açúcar começou a trazer certa prosperidade à zona ituana, mas sua comercialização fora do mercado mineiro era difícil, porque as exportações eram praticamente bloqueadas pela Serra do Mar. Daí o interesse da história desse caminho com destino ao porto de Santos.

Quando Martim Afonso aportou em São Vicente pela primeira vez achou ali residindo já alguns portugueses chegados ninguém sabe como, todos muito enturmados com os índios e, inclusive, casados e com filhos crescidos. Pouco depois, foi conveniente a instalação de uma vila serra acima e assim foi fundada, com o auxílio de João Ramalho e de seus filhos, Santo André da Borda do Campo. Tudo indica que os índios conheciam mais de uma trilha subindo a serra a partir do lagamar santista. Todas perigosas, beirando abismos que ladeavam as cristas dos contrafortes serranos. Perigosas

também porque permitiam emboscadas de índios contrariados com a amizade dos súditos de Tibiriçá, sogro de Ramalho, com os brancos vindos de longe e que logo irreversivelmente ficariam donos de todas as terras e de seus produtos. Emboscadas terríveis que levaram Mem de Sá, em 1560, a autorizar o uso de uma só trilha, com o trancamento das outras. O padre José de Anchieta foi o encarregado de aperfeiçoar a trilha "oficial", daí o nome que percorre toda a documentação colonial: "Caminho do Padre José". Esse caminho, com seus 200 e tantos anos de uso, aos poucos foi sendo corrigido e melhorado em seus zigzagues em busca de rampas mais suaves. Porém, fora das serrarias o caminho também era péssimo, com seus atoleiros sem fim, tanto no planalto como no Cubatão dos jesuítas.

A história do caminho das tropas do açúcar de Itu a Santos é interessantíssima e não poderia ser escrita se um governador-general, Antonio Manuel de Melo Castro, não tivesse redigido, em 1799, uma "memória" sobre as sucessivas intervenções no Caminho do Padre José feitas pelos seus antecessores e que culminaram com o calçamento executado

no trecho da serra pelo engenheiro militar João da Costa Ferreira, a mando de Bernardo José de Lorena, que acabou emprestando seu nome à estrada. Esse texto de Melo Castro é, realmente, fundamental para o conhecimento, sobretudo, das condições econômicas da capitania, com seus infindáveis problemas de comunicação e de transporte da produção agrícola, porque, além de tecer considerações pessoais, transcreve pareceres e documentos, hoje não localizados, sobre a vida paulista de Itu a Santos.

Portanto, foi esse calçamento que abriu as portas de São Paulo ao mundo e à prosperidade, tornando-se, por meio século, até 1841, o único meio de transporte ao litoral, e lembremo-nos de fato significativo: não era carroçável e daí a importância assumida pelas tropas de milhares de burros, cujo comércio enriqueceu Sorocaba.

Pois foi um sorocabano, o brigadeiro Tobias, que decretou o abandono da Calçada do Lorena mandando fazer outra estrada por onde pudessem trafegar carros, não só de passageiros, mas carros sobrecarregados de café, a nova fonte de riquezas. Estava se iniciando outro ciclo econômico paulista, era o começo do capitalismo que viria a dar impulso à indústria iniciada no fim do século.

Daí o esquecimento da Calçada do Lorena, desde os anos 40 do século passado transformada em pitoresca trilha de caçadores de macuco. Sua memória tem a obrigação de ser resgatada pelos estudiosos da vida paulista, pelos economistas, sociólogos e historiadores da arte principalmente.

Sem ela, Itu e Campinas não seriam o que são hoje —não importa o café, pois sem o açúcar que o antecedeu não teriam havido os capitais destinados ao ouro verde. Sem ela, não teria havido o florescimento da intelectualidade ituana, mormente aquela demonstrada pelos "padres do Patrocinio", onde emergiu para a nação o padre Feijó. Sem ela, não teria havido a arquitetura e a arte sacra ituanas, com o seu padre Jesuíno do Monte Carmelo e tudo. No meio do caminho, São Paulo, a capital pobre, também tirou o seu proveito. São Paulo saiu ganhando mesmo foi com a estrada do brigadeiro, a Estrada-de-ferro dos ingleses, mas isso é outra história.

CARLOS A. C. LEMOS, 64, é arquiteto, professor da FAU-USP e pintor. Escreveu o livro "Alvenaria Burguesa".

“PARA EXECUTIVOS”

Seleção de mulheres é feita em hotel de luxo

Candidata recebe oferta de US\$ 500 para “sair, jantar, viajar e fazer companhia em qualquer situação”

Engenheiro faz cena para swing

Da Reportagem Local

L.M.A., 39, engenheiro, contratou uma acompanhante no ano passado para ajudá-lo a conquistar a mulher de um conhecido seu, por quem se sentia “obcecado”. O engenheiro descobriu que o casal fazia swing (troca de parceiros). Se arrumasse uma parceira, poderia participar de uma noite a quatro. Por intermédio do Guia Hotéis, o engenheiro encontrou uma agência de acompanhantes. Contratou uma de 26 anos, estudante universitária. Passou a visitar o casal em sua companhia. “Eu a apresentava como namorada. Ela era muito bonita e eu sabia que o meu amigo se interessaria”. Quando o grupo se encontrava, o engenheiro instrua a acompanhante a “fazer tudo que pudesse criar uma clima” entre os quatro. A garota deveria fingir que estava apaixonada por ele, mas se sentia atraída por seu amigo. O plano deu certo. Na noite em que voltavam todos de uma boate, o casal convidou L.M.A. e sua “namorada” para subirem ao apartamento. O licor terminou em swing. (TO)

VIDA DE ACOMPANHANTE

O perfil das “escorters” paulistas

Quem são:
Mulheres entre 20 e 30 anos, de nível colegial ou universitário. Vestem-se bem e são discretas

O que fazem:
Acompanham o cliente em jantares, recepções e viagens. Aceitam manter relações sexuais com ele, mas muitas vezes não são solicitadas

Quanto ganham:
Uma acompanhante de luxo cobra, no mínimo, US\$ 200 por saída, mais as despesas (jantar, entrada para teatro, shows etc.)

Como são recrutadas:
Passam por entrevista em que são avaliadas nos aspectos: aparência, educação e disponibilidade

Onde são encontradas:
Por intermédio de agências especializadas, hotéis quatro e cinco estrelas e algumas boates

Quem contrata:
Homens acima de 50 anos de idade - empresários ou profissionais liberais que querem exibir companhia. Homossexuais também fazem parte da clientela

Fontes: Acompanhantes e agenciadores

Da Reportagem Local

O recrutamento de acompanhantes, segundo a Folha constatou, está sendo feito até em hotéis de cinco estrelas em São Paulo. Para evitar agências especializadas, executivos selecionam, eles próprios, as mulheres para sair em troca de pagamento. No último dia 8 de novembro, domingo, os jornais trouxeram um anúncio cujo título pedia “acompanhantes para executivos”. O texto informava que a seleção duraria três dias e seria realizada na sala Vip do hotel Crowne Plaza. O aluguel da sala custa US\$ 200 por dia. A Folha compareceu à entrevista na segunda-feira, às 15h30. Três candidatas já aguardavam no hall do hotel. Duas vieram juntas. Disseram ser prostitutas que trabalhavam em boates. Uma era mulata e a outra loira. Aparentavam ter cerca de 25 anos e vestiam saias curtas e justas. A terceira era uma acompanhante que atendia através de agências. Tinha 27 anos e disse cursar Letras. Vestia um conjunto de saia e tailleur claro. Era bonita. Evitava conversar com as outras garotas. A repórter se apresentou como estudante de Psicologia, sem experiência em prostituição. Foi recebida por um homem de cerca de 50 anos, vestindo terno e gravata, que se disse intermediário de dois “executivos” interessados em contratar duas mulheres jovens para “sair, jantar, viajar nos finais de semana —enfim, acompanhá-los em qualquer situação”.

O suposto intermediário deixou claro que a acompanhante teria de estar disponível também para manter relações sexuais com o “executivo”. Disse que o pagamento, por saída, “não seria menos que US\$ 500” e que as escolhidas seriam solicitadas duas ou três vezes por semana. Afirmou que os clientes era pessoas “muito especiais”, que precisavam de “extrema discrição”, não fumavam e nem usavam drogas. Um deles era casado e o outro solteiro. Perguntou à repórter sua idade e o que fazia. Puxou conversa sobre as eleições municipais e serviu café. Atendeu três telefonemas durante a conversa. Dois eram de homens que viram o anúncio e queriam saber se podiam se candidatar. A resposta foi negativa. No dia 12, encerrada a seleção, o entrevistador, que a Folha apurou ser advogado com escritório em Higienópolis (zona oeste de São Paulo), ligou para a repórter informando que ela havia sido escolhida. Deu a entender que havia feito se passar por intermediário dos “executivos”, mas que, na verdade, era um deles. Convidou-a para jantar na noite seguinte, sexta-feira, e passar o fim-de-semana em uma casa no litoral norte de São Paulo. A repórter ficou de responder o convite e não o fez. O outro “executivo”, segundo apurou a Folha, era diretor de uma rede de hotéis do litoral norte de São Paulo. (Thaís Oyama)

‘Tive de sair sem calcinha’

Da Reportagem Local

“No Café Photo todo mundo o conhece. Ele dificilmente sai mais de uma vez com a mesma menina. Comigo saiu duas. Da primeira vez, fomos ao Gallery e ele quis que eu fosse com um vestido curto e sem calcinha, usando só uma meia fina. Ele escolheu uma mesa de canto e ficou me abraçando e beijando, sempre olhando para os outros casais. Depois de um tempo, apontou para um rapaz que estava sentado próximo a nós, acompanhado de uma mulher, e disse: ‘Está vendo aquele ali? Quero que você deixe ele louco’. Eu tive de puxar o vestido para cima e provocar o homem mostrando que estava sem nada por

baixo. Meu parceiro fingia que não estava vendo, mas com o canto do olho ficava prestando atenção na reação do rapaz, que ficou muito nervoso. Eu fiquei com medo que a mulher dele fizesse um escândalo, mas meu acompanhante disse que eu ficasse tranquila, porque ele conhecia os donos do Gallery e não haveria problemas. Da outra vez, também em uma boate, ele pediu para que eu ‘cantasse’ uma mulher. Eu não quis, achei um pouco demais. Nunca mais ele me procurou de novo. É pena, porque aquela noite no Gallery eu me diverti.”

BEATRIZ, 27, é acompanhante há três anos e frequenta o Café Photo

‘Ele é gay e tenta disfarçar’

Da Reportagem Local

“Eu trabalho para duas agências. Uma vez, uma delas me chamou para que eu me apresentasse junto com outras três meninas em um apartamento no centro da cidade. Era um lugar bem simples e velho. A pessoa que nos recebeu era um médico, tinha 39 anos e não era feio. Tenho certeza que o apartamento não era dele. Ele serviu café e ficou conversando com a gente, como se fôssemos um grupo de amigas suas. Tinha um jeito efeminado. Acabou dispensando todas nós. No dia seguinte, ele ligou para a agência pedindo que eu o encontrasse em um bar. Tomamos alguns drinques e falamos sobre

novela. Depois, ele me levou para uma festa na casa de um casal de médicos. Ficou agindo como se fosse meu namorado. No fim da noite, me deu US\$ 300 e disse que era para o táxi. Fui para casa. Na semana seguinte, ele chamou uma amiga minha, da mesma agência. Dessa vez, foi com ela para um bar, numa festa de despedida de alguém que estava indo para o exterior. Também não dormiram juntos. Ele nunca disse nada, mas nós achamos que ele é ‘gay’ e usa este tipo de serviço para disfarçar sua condição. Isso é comum.”

MARA, 24, estudante de Direito na Faculdade Brás Cubas, em Mogi das Cruzes, é acompanhante há um ano

‘Juiz só pedia para eu rir’

Da Reportagem Local

“Ele era juiz aposentado e tinha 72 anos. Conheci-o através de um anúncio que ele colocou no jornal. Era separado e não queria fazer sexo. Já não tinha vitalidade física para isso. Passamos a sair com frequência, duas ou três vezes por semana. Iamos a restaurantes finos, como o Máximo e o Paddock, quase sempre na hora do almoço. Ele escolhia os lugares onde sabia que iria encontrar amigos. Queria ser visto comigo. Eu tinha de ser discreta. Nada de beijos, abraços e olhares derretidos. Ele só pedia para que eu risse bastante durante a conversa, de um jeito natural, que desse a impressão de que nós nos diver-

tíamos muito e tínhamos uma convivência antiga. Em algumas ocasiões, jantávamos com outros casais. Nesses momentos, ele me apresentava como sua secretária particular, mas fazia questão de deixar subentendido para os outros que nós tínhamos ‘alguma coisa’. A relação durou três meses. Ele me pagava bem e era gentil, sempre me dava revistas de moda de presente. Quando ficou doente, foi para Londres, morar com a filha mais velha. Telefona pelo menos uma vez por mês. Ficamos amigos.”

KATHERINE, 24, inspetora de ensino do Estado, há três anos trabalha como acompanhante

VESTIBULAR

1ª fase da Unicamp terá provas em 15 cidades

Exames começam no próximo domingo para os 34.835 candidatos; redação vale cem dos 160 pontos

VEJA A RELAÇÃO DOS 40 LOCAIS DE PROVA DA UNICAMP

Prova da primeira fase é no próximo domingo, às 13h

NÚMEROS DE INSCRIÇÃO	ENDEREÇOS	NÚMEROS DE INSCRIÇÃO	ENDEREÇOS
1000000 a 1000999	Campinas Unicamp - Prédio da Pós-graduação - Faculdade de Engenharia Elétrica - Cidade Universitária Zeferino Vaz - Barão Geraldo	1391820 a 1408339	São Paulo Colégio São Luís - r. Haddock Lobo, 400 - Cerqueira César
1001000 a 1006499	Unicamp - Prédio da Engenharia Básica - Cidade Universitária Zeferino Vaz - Barão Geraldo	1408340 a 1417359	Faculdade Ibero-Americana - av. Brigadeiro Luiz Antônio, 860 - Bela Vista
1006500 a 1017899	Unicamp - Ciclo Básico - Cidade Universitária Zeferino Vaz - Barão Geraldo	1417360 a 1580999	Universidade São Francisco - r. Hainemann, 352 - Pari
1017900 a 1034899	PUCCamp - Edifício Papa João 23 - Rodovia Pedro 1.º, km. 136	1581000 a 1630999	Fundação Santo André - av. Príncipe de Gales, 821 - Príncipe de Gales - Santo André
1034900 a 1047999	PUCCamp - Edifício Papa Paulo 6.º - Rodovia Pedro 1.º, km. 136	1631000 a 1660999	Santos Colégio do Carmo - r. Dr. Egídio Martins, 181 - trav. Canal 7 - Ponta da Praia
1048000 a 1056749	EEPSG Adalberto Nascimento - r. Adalberto Maia, 235 - Taquaral	1661000 a 1669299	Ribeirão Preto Unaerp - Universidade de Ribeirão Preto - Bloco B - av. Costabile Romano, 2201 - Ribeirânia
1056750 a 1062349	EEPSG Vitor Meireles - r. Espírito Santo, 67 - São Bernardo	1669300 a 1677399	Unaerp - Universidade de Ribeirão Preto - Bloco G - av. Costabile Romano, 2201 - Ribeirânia
1062350 a 1068799	EEPSG Anibal de Freitas - r. 1.º de Março, 38 - Guanabara	1677400 a 1710999	Unaerp - Universidade de Ribeirão Preto - Bloco H - av. Costabile Romano, 2201 - Ribeirânia
1068800 a 1075999	Escola Prep. Cadetes do Exército - av. Papa Pio 12, s/n.º - Castelo	1711000 a 1718199	São José dos Campos EEPSG João Cursino - av. Eng. Francisco José Longo, 782 - Vila Sanches
1076000 a 1082449	ETESG Bento Quirino - av. Oroszimbo Maia, 2.600 - Vila Stanislaus	1718200 a 1740999	EEPG Ângelo Siqueira Afonso - r. Porto Príncipe, 100/entrada pela rua Havana - Vila Rubi
1082450 a 1090499	Colégio de Aplicação Pio 12 - r. Boaventura do Amaral, 354 - Bosque	1741000 a 1747999	Bauri EEPSG Ernesto Monte - r. Agenor Meira, 4-44 - praça das Cerejeiras - centro
1090500 a 1200999	EEPSG Prof. Luiz Calhardo - r. Padre Bento Dias Pacheco, 62 - Cura D'Ar's	1748000 a 1775999	EEPSG Dr. Luiz Zuiani - r. Aviator Gomes Ribeiro, 37-60 - Vila Galvão
1201000 a 1230999	Jundiaí Associação Padre Anchieta de Ensino - r. Bom Jesus do Pirapora, 125 - centro	1776000 a 1782619	São José do Rio Preto EEPSG Victor Britto Bastos - r. José Nogueira de Carvalho, 304 - Vila Maceno
1231000 a 1235549	Limeira Centro Sup. Educ. Tecnológica Limeira (Ceset) - av. Cônego Manoel Alves, 129 - Jardim Nova Itália	1782620 a 1810999	EEPSG Alberto Andalo - praça Pio 12, 50 - Vila Maceno
1235550 a 1260999	Colégio Técnico de Limeira (Cotil) - av. Cônego Manoel Alves, 129 - Jardim Nova Itália	1811000 a 1850999	Brasília Colégio Militar de Brasília - SGAN 902 Lote s/n.º - Asa Norte
1261000 a 1300999	Piracicaba Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba) - Bloco 3 - rodovia do Açúcar, km. 154 - Campus Taquaral	1851000 a 1890999	Curitiba Instituto de Educação do Paraná - r. Emiliano Pernetá, 92 - centro
1301000 a 1306599	Sorocaba EEPSG Antônio Padilha - r. Cesário Motta, 286 - centro	1891000 a 1899459	Rio de Janeiro Colégio Santo Antônio Maria Zaccaria - r. do Catete, 113 - Flamengo
1306600 a 1330999	EEPSG Júlio Prestes Albuquerque - av. Eugênio Salerno, 204 - centro	1899460 a 1906051	Colégio São Vicente de Paulo - r. Cosme Velho, 241 - Cosme Velho
1331000 a 1349459	São Paulo PUC-SP - r. Ministro Godoy, 969 - Perdizes		
1349460 a 1363659	PUC-SP - r. Monte Alegre, 983 (rampa) - Perdizes		
1363660 a 1370959	EEPSG Fernão Dias Paes - av. Pedroso de Moraes, 420 - Pinheiros		
1370960 a 1391819	Faculdades Oswaldo Cruz - Prédio 2 - r. Brigadeiro Galvão Bueno, 564 - Barra Funda		

LUÍS PEREZ

Enviado especial a Campinas

Os 34.835 candidatos às 1.990 vagas do vestibular da Unicamp farão provas em 15 cidades do país —13 no Estado de São Paulo, Brasília, Curitiba e Rio de Janeiro. A universidade já divulgou os locais das provas, que serão realizadas no próximo dia 29, domingo, das 13h45 às 17h45. Os coordenadores recomendam que o vestibulando visite o local de exame no sábado e chegue às 13h do domingo para fazer a prova.

A primeira fase do vestibular tem 12 questões, duas de cada uma das seguintes matérias: matemática, física, química, biologia, história e geografia, mais uma prova de redação. A redação vale cem dos 160 pontos da primeira fase —62,5% do total. Para passar à segunda fase, o candidato precisa acertar 50% da prova. Isso significa que uma redação nota oito garante a vaga para a etapa seguinte.

Segundo afirmaram a Folha os cinco professores de português e literatura que compõem a banca elaboradora da redação, os candidatos não têm motivos para tentar adivinhar qual seria a opinião ou quais seriam os argumentos “preferidos” pela banca de elaboração ou correção —esta formada por 90 pessoas. Dizem ainda que muitas vezes a tentativa de “agradar” à banca pode levar o candidato a produzir um texto pior do que o que seria capaz de expressar sua opinião sincera.

O candidato que perder a carteira de identidade deve registrar a ocorrência na polícia e levar o comprovante ao coordenador do

seu local de exame. Para recuperar o número de inscrição, basta ligar para a coordenação nos tels. (0192) 39-3130 e 39-8270.

Dia 23 de dezembro será divulgada a relação de aprovados na primeira fase. A segunda fase acontece de 10 a 13 de janeiro. Dia 18 do mesmo mês haverá prova de aptidão para os candidatos de odontologia. Dos dias 18 a 21 há prova de aptidão para música, educação artística, dança e artes cênicas. A primeira chamada e a primeira lista de espera sai em 3 de fevereiro.

RESIDÊNCIA MÉDICA
A Comissão de Ensino do Hospital Jaraguá comunica que as inscrições estarão abertas até o dia 11/12/92 para o concurso nas áreas de: Cirurgia Geral, Ginecologia e Obstetrícia e Cirurgia Vascular.
Dia do Exame: 14/12/1992
Local: Hospital Jaraguá
Melhores Informações: AV. JURITI, 73 - Ibirapuera - SP
Fone: 549-2311 - Ramal 166

VESTIBULAR/93
ARQUITETURA E URBANISMO
Curso Diurno e Noturno
EDUCAÇÃO ARTÍSTICA
Curso Diurno e Noturno
DESENHO INDUSTRIAL
Curso Diurno e Noturno
Habilitações em Projeto de Produto e Programação Visual
ARTES INDUSTRIAIS
Educação para o Trabalho
BACHARELADO
Pintura, ou Escultura, ou Gravura
INSCRIÇÕES ATÉ 18/12/92
Faculdade de BELAS ARTES de São Paulo
Rua Álvaro Alvim, 76
Metró. Vila Mariana
Tels.: 549-7122/575-0603